

# CONHECIMENTO POPULAR SOBRE FITOTERÁPICOS EM COMUNIDADE URBANA – JOÃO PESSOA, PB, BRASIL

BARBOSA<sup>1</sup>, Maxwell  
BARBOSA<sup>2</sup>, Murillo  
MENEZES<sup>3</sup>, Ícaro  
OLIVEIRA<sup>4</sup>, João

Centro de Ciências Médicas - CCM /Departamento de Promoção à Saúde -  
DPS/PROBEX

## RESUMO

Por serem baratos e de fácil acesso, manteve-se o hábito de se utilizar plantas medicinais nas periferias das áreas urbanas como alternativa aos medicamentos alopáticos. Tendo conhecimento desse fato, foi estabelecido um trabalho na comunidade do CITEX para promover um grupo de educação popular em saúde com as mulheres do local através do compartilhamento de seus conhecimentos sobre ervas e produtos fitoterápicos. Durante as vivências das reuniões ao longo do projeto, foi percebido divergências acerca do conhecimento apresentado pelas mulheres com o encontrado na literatura acadêmica em vários aspectos: os efeitos terapêuticos, a toxicidade de algumas plantas, a preparação e administração dos medicamentos fitoterápicos. Uma das possíveis justificativas para essa discrepância pode ser o fato de que os conhecimentos fitoterápicos não são bem difundidos e valorizados na sociedade, sendo ensinados pelos familiares, como os pais ou os avós, ou introduzidos na comunidade por herbolários. Muitos desses, porém, por não possuírem uma formação acadêmica, desconhecem estudos realizados sobre os fitoterápicos com relação às suas formas adequadas de utilização e preparo. Tendo em vista que algumas informações possuídas pelas mulheres da comunidade apresentam divergências com a literatura, podendo, inclusive, oferecer risco à saúde de suas famílias, consideramos necessário o diálogo entre os conhecimentos científicos e populares para juntos construirmos e disseminarmos as informações sobre a preparação e as ações terapêuticas corretas das plantas medicinais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Fitoterápicos, educação popular, extensão universitária.

## INTRODUÇÃO

As plantas medicinais sempre tiveram uma grande importância terapêutica para a população. VIEIRA (2001) diz que o seu uso é uma prática muito antiga, sendo utilizada no tratamento de quase todas as enfermidades em civilizações passadas, pois

---

<sup>1</sup>Universidade Federal da Paraíba, discente colaborador maxbraz14@gmail.com

<sup>2</sup> Universidade Federal da Paraíba, discente colaborador murillobraz14@gmail.com

<sup>3</sup> Universidade Federal da Paraíba, discente colaborador icarocesarmusic@gmail.com

<sup>4</sup> Universidade Federal da Paraíba, discente colaborador joao\_jks@hotmail.com

eles detinham o conhecimento sobre os benefícios e os malefícios gerados por elas no organismo humano.

Segundo BOTSARIS *et al* (1999), a partir do conhecimento e do uso popular, as plantas passaram a ser vistas pela indústria farmacêutica como rica fonte de compostos com amplo potencial biológico, proporcionando a descoberta de medicamentos muito utilizados na medicina tradicional, a exemplo dos salicilatos e digitálicos.

Para PINTO *et al* (2006), com o advento da indústria farmacêutica, as plantas medicinais acabaram perdendo espaço para os medicamentos alopáticos. O acesso facilitado a esses medicamentos traz grandes benefícios para as comunidades em caso de doenças graves, mas, agora, muitas doenças que antes eram tratadas com plantas passaram a ser combatidas com remédios de farmácia. Isso acarreta na perda da prática da medicina popular e no aumento do gasto financeiro dessa população com remédios.

Justamente por terem uma menor renda, o que dificulta o acesso aos medicamentos alopáticos, as populações periféricas das áreas urbanas acabam mantendo os hábitos de se cultivar e utilizar plantas medicinais. O conhecimento fitoterápico é inestimável no ambiente da comunidade, devido a sua eficácia, ser de fácil acesso e baixo risco de intoxicação, se preparado e tomado corretamente, podendo suprir as necessidades da população que não são atendidas pelo sistema de saúde pública, vindo a ser uma alternativa viável e complementar à terapêutica alopática.

Com base nessa premissa, destacamos que o foco do trabalho é relatar as experiências observadas nos depoimentos das mulheres que vivem no CITEX sobre o uso de plantas medicinais durante o trabalho de extensão Quintais da Saúde.

## **DESENVOLVIMENTO**

O projeto 'Quintais de Saúde - a fitoterapia como alternativa para a saúde da população e como fonte de geração de renda' é um projeto interdisciplinar de ação comunitária que tem como proposta central promover uma educação popular em saúde através da constituição de um grupo de compartilhamento de experiências e conhecimentos referentes ao cultivo de plantas medicinais.

As vivências tinham como palco o CBJ (Centro Comunitário Bom José), localizado na comunidade CITEX, bairro periférico de João Pessoa - PB, tendo como participantes estudantes da UFPB, mulheres que moram na comunidade e uma herbolária para elucidar as dúvidas sobre os fitoterápicos. Em nossos encontros, tínhamos como objetivo principal criar um ambiente no qual os participantes pudessem se entrosar e compartilhar tendências a respeito do uso de plantas medicinais na promoção da saúde como alternativa/complemento aos tratamentos convencionais.

Durante os encontros, tivemos contato com os conhecimentos prévios que elas tinham relacionados ao cultivo e preparação de medicamentos naturais. Esses conhecimentos, segundo seus relatos, foram-nas ensinados por seus pais e avós e perpassam até hoje como aspecto cultural marcante no ambiente da comunidade. Desse modo, pudemos identificar aspectos que nos levaram a levantar grupos de discussão entre elas a respeito de suas vivências no uso dessa terapêutica alternativa, para que, através da partilha de suas experiências elas pudessem ver a fitoterapia como uma via alternativa de tratamento e prevenção de enfermidades.

Ao longo do projeto extensionista, nós identificamos alguns aspectos discrepantes com o conhecimento científico vigente. Algumas plantas, por exemplo, que elas alegavam ter certa ação no organismo, na verdade não condizia com o registro de efeitos verificados pela literatura acadêmica especializada. Outras, ainda, que elas alegavam possuir ação benéfica para certa patologia, tinham, segundo a literatura acadêmica, certo nível de toxicidade e não eram recomendadas para nenhum tipo de tratamento específico. Houve, também, a identificação da falta de instrução nas manobras adequadas de preparo dos insumos fitoterápicos.

Essas discrepâncias têm como uma das principais justificativas o fato de que o conhecimento fitoterápico não é bem difundido e valorizado nos diversos níveis da sociedade, fazendo-se necessária uma ampla rede de pesquisa na área e a propagação de projetos que divulguem e conscientizem a população sobre os benefícios da fitoterapia.

Nesse sentido, quando as mulheres da comunidade enfrentam dúvidas sobre a ação de certa planta, elas procuram um ente social conhecido como herbolário, agente da comunidade que cultiva e conhece a ação das plantas medicinais. Mesmo assim, nem todos esses atores sociais apresentam uma formação que permita a correção destas discrepâncias, necessária para atuar no meio comunitário orientado por um

conhecimento mais consolidado sobre a utilização dos fitoterápicos no tratamento de doenças e comercialização de medicamentos, pois, segundo FRANÇA *et al* (2008) dentre alguns deles, há uma tendência à generalização do uso de plantas medicinais, por entenderem que, por serem de origem natural, não tem potencial negativo para o organismo. Muitos deles também não costumam recomendar o acompanhamento médico específico para os pacientes em tratamento fitoterápico.

Outro aspecto alarmante observado durante os grupos de discussão foi a ideia errônea de que existem certos chás terapêuticos que podem ser consumidos por gestantes. É sabido que a presença de substâncias tóxicas na circulação materna pode acarretar em distúrbios no desenvolvimento fetal. Assim, é desaconselhável a administração de fitoterápicos de qualquer natureza durante a gestação ou lactação, principalmente sem a devida orientação médica. Para CLARKE *et al* (2007) se fazem necessários mais estudos que atestem a toxicidade reprodutiva dos produtos fitoterápicos e que, segundo estudos, não há dados a respeito da segurança do uso desses durante a gravidez.

A Secretaria de Atenção à Saúde do Ministério da Saúde (2012) admite que a fitoterapia popular fornece-nos informações frequentemente conflitantes, que há dificuldades com parâmetros quanto à prescrição medicamentosa e a existência de negligência com relação à toxicidade e à qualidade das matérias-primas utilizadas. Mas adverte, porém, que cabe a nós, profissionais e estudantes, reconhecer a potência dessa prática no fortalecimento do vínculo e da educação em saúde.

Segundo Rodrigues (2003), não se pode afirmar e aceitar nem se negar e rejeitar determinado conhecimento, sem se demonstrar, respectivamente, sua veracidade ou falsidade. É mediante essa afirmação que notamos a importância de se valorizar e respeitar o saber popular, na medida em que foram eles os geradores de muitas pesquisas científicas e que hoje lhes servem de embasamento para ideias outrora desconhecidas. Além disso, são eles os principais componentes da cultura de uma comunidade, formando sua identidade enquanto conjunto de indivíduos e determinando seus conhecimentos ao longo do tempo. É, portanto, o nosso papel como extensionistas, não desvincular da própria comunidade esse conhecimento que lhe é nato, mas, através do diálogo entre os saberes científicos e populares, aperfeiçoar conceitos já enraizados no universo de seu cotidiano.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A dicotomia percebida entre o conhecimento apresentado pelas mulheres da comunidade e o vinculado aos estudos acadêmicos pode gerar riscos a saúde da população quando não se tem conhecimento necessário no preparo dos fitoterápicos. Diante dessa premissa, nosso grupo reconhece como importante a implantação desta discussão dentro de nosso projeto para que esse quadro possa ser problematizado e retornemos para a comunidade do CITEX com o objetivo de, aliando o saber acadêmico e o tradicional popular, sem que um se superponha ao outro, construirmos conjuntamente uma consciência e disseminação de informações de educação em saúde sobre a preparação e as ações terapêuticas corretas de cada planta medicinal, baseado na premissa do diálogo e no respeito ao saber já existente na comunidade.

## REFERÊNCIAS

BOTSARIS, A. S.; MACHADO, P. V. **Memento Terapêutico: Fitoterápicos**. Rio de Janeiro: Laboratório Flora Medicinal J. Monteiro da Silva, 1999.

CLARKE, J. H. R.; RATES, S. M. K.; BRIDI, R. Um alerta sobre o uso de produtos de origem vegetal na gravidez. **Infarma** : informativo profissional do Conselho Federal de Farmácia, Brasília, DF, v.19, n.1/2 , p.41-48, fev. 2007.

FRANÇA, I. S. X.; SOUZA, J. A.; BAPTISTA, R. S. BRITTO, V. R. S. Medicina popular: benefícios e malefícios das plantas medicinais. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v.61, n.2, p.201-208, mar./abr. 2008.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Práticas integrativas e complementares: Plantas medicinais e fitoterapia na atenção básica**. 1ª edição. Brasília: Editora MS, 2012. 154 p.

PINTO, E. P. P.; AMAROZO, M. C. M.; FURLAN, A. Conhecimento popular sobre plantas medicinais em comunidades rurais de mata atlântica – Itacaré, BA, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, São Paulo, v.20, n.4, p.751-762, oct./dez. 2006.

RODRIGUES, L. D. Saber e ciências escolares e populares. In: BRENNAND, E. G. G. (Org.). **O labirinto da educação popular**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2003. p. 120.

VIEIRA, E. S. A evolução da fitoterapia em 500 anos de Brasil. 2001. Monografia (Graduação em farmácia), Universidade Tiradentes, Aracaju, 2001.